

Ms. 12007

SEP 1918

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 153

A Grécia

Col. 13

Retrospecto

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

A Grecia — Retrospecto

No dia 27 de junho proximo passado celebrou a Grecia não só a sua entrada na guerra, mas tambem — preliminar necessario — a restauração da sua unidade e das suas liberdades constitucionais.

M. Venizelos teve de lutar com dificuldades maiores, talvez, do que as que se apresentaram aos organisadores da guerra em qualquer outro dos paizes aliados.

Em 12 de junho de 1917, em obediencia ás instruções de M. Jonnart, saiu o rei Constantino de Athenas. Dentro de quinze dias tinha M. Venizelos regressado de Salonica onde tinha um exercito de 60.000 homens combatendo ao lado dos exercitos aliados, tinha convocado de novo a Camara de junho de 1915 e tinha empreendido a tarefa de sanar a desinteligencia existente entre as tradições constitucionais da Grecia e o partido dos Realistas Athenianos que tinha apoiado a autocracia de Constantino. M. Venizelos compreendeu logo que a primeira coisa que tinha a fazer era a unificação do povo grego sem a qual não podia tomar parte numa guerra a que era chamado para defender os seus interesses, as suas tradições, os seus ideais.

M. Venizelos teve de lutar com dificuldades maiores, talvez, do que as que se apresentaram aos organizadores da guerra em qualquer outro dos países aliados. A Grécia estava ameaçada pela fome; apesar de já se achar em estado de guerra era impossível começar a mobilização sem subsistências e sem equipamento. Em novembro, M. Venizelos teve de visitar Londres e Paris a fim de obter o transporte e os fornecimentos necessários. Apesar da sua visita a Londres assumir o aspecto duma marcha triunfal, contudo o fim da sua visita era restritamente prático. Saindo de Londres, assistiu á Conferencia de Paris. Graças ao seu discernimento sereno e á sua faculdade de dominar os detalhes, graças tambem ao auxilio prestado por M. Gennadius, Ministro da Grécia em Londres, e alguns outros que trabalharam com igual dedicação, a Grécia, antes do fim do ano, achava-se devidamente abastecida e a exaltação dos animos tinha declinado e estava quasi normal.

Com o regresso á normalidade, o povo rejeitou quasi automaticamente o que restava do complicado sistema de propaganda alemã. No principio de 1918 achava-se o país preparado moral e fisicamente para a mobilização geral. Os realistas fizeram o seu ultimo esforço em fevereiro por meio duma sublevação, facilmente vencida em Thebes e Lamia. Foi notavel o insucesso desta revolta e provou incontestavelmente que o publico pouca simpatia tinha com a politica do rei exilado o qual está diri-

gindo, como era de esperar, uma propaganda activa desde o seu exilio na Suissa. No principio de março dois dos seus emissarios, officiais escolhidos da divisão grega que fôra internada em Goerlitz (Alemanha) quando se entregou aos bulgaros em Kavala no mez de julho de 1916, desembarcaram de bordo dum submarino austriaco no Peloponneso. Porém foram logo denunciados e presos. Visto ter o rei Constantino perdido toda a esperança de obter o apoio do povo grego, dirige agora o seu esforço no sentido de manter em primeiro logar as suas pretensões á corôa e depois de convencer a opinião publica dos paizes aliados e neutrais e mesmo da Alemanha e da Bulgaria que, bem ao contrario da verdade, o governo de M. Venizelos não representa a vontade do povo da Grecia, o qual encontra-se provavelmente no momento actual em Zurich.

As novas tropas

E' quasi impossivel levar a efeito a mobilização sem apoio popular, ainda menos na Grecia onde a disciplina social não é um habito. A mobilização fez-se no entanto com tanta ordem e pontualidade que no mez de abril as tropas gregas puderam cooperar com as tropas britannicas numa pequena mas bem sucedida operação no front da Macedonia. Atravessaram o Struma e rechaçaram de varias aldeias os postos avançados bulgaros, tomando bastantes prisioneiros.

Os comunicados francezes e britannicos dizem que esta incursão foi levada a efeito por um modo brilhante e sem o minimo estorvo. O que lhe dá maior realce porém é o facto que os combatentes não faziam parte do exercito venizelista de Defeza Nacional, porém das tropas novas da Velha Grecia as quais durante o longo periodo de falsa neutralidade esteve debaixo da influencia desmoralisadora do Estado Maior germanisado.

O «raid» de 15 de abril foi um prenuncio das qualidades das tropas novas as quais se confirmaram por completo durante as operações de maior escala em 30 de maio quando as tropas gregas assaltaram as posições fortificadas bulgaras em Skra di Legen numa frente de oito milhas, capturando mais de 1.500 prisioneiros. Alguns dias depois o barão Avezzano, o novo ministro italiano em Athenas, ao apresentar os seus credenciais ao rei Alexandre, deu expressão á sincera benevolencia da Italia a favor da Grecia. E' consolador notar que a Italia na propria ocasião em que recupera no Piave o que perdera em Caporetto é uma das primeiras das nações aliadas a felicitar a Grecia da sua entrada na guerra ha um ano afim de reconquistar sob Venizelos o que perdera sob Constantino.

O ideal nacional

Não ha duvida que a Grecia está combatendo ao nosso lado afim de remir a sua honra como aliada da Servia. Porém a verdade vai

ainda mais longe. Se nunca tivesse existido a aliança greco-servia a Grecia não deixava por isso de se achar ao lado das Potencias que lutam para libertar a Europa do militarismo, pois nunca poderia tolerar a hegemonia da Bulgaria, á qual, não sem alguma razão, se tem chamado a Prussia dos Balkans. Além disso a sua posição geografica e a importancia da sua vida maritima impeliam-na inevitavelmente para as Potencias que dominam no Mediterraneo. Todos os seus interesses materiais, todas as suas esperanças de prosperidade industrial e comercial na Nova Europa obrigam-na a combater pela vitoria dos Aliados. Porém a Grecia tem outro fito muito superior aos seus interesses materiais. Ela combate, talvez mais conscientemente do que qualquer dos seus grandes Aliados, pelo ideal politico a que chamamos vagamente a democracia. Para os gregos a Inglaterra foi sempre o simbolo da liberdade politica. Orgulham-se de combater ao seu lado porque ela sempre lutou pela liberdade da Europa.

